

HISTÓRIA E MEMÓRIA

“A memória do grupo tende a assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: ela gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida.”

(Paul Zumthor)

Abstract

The narratives popular orals gathered by the IFNOPAP have been a testimony of the man's of the paraense Amazonia life. The legend and myths that compose of “acervo” of the project give bill of the imaginary of the man of the area, marked with visible marks of the circumstances that mediate immense one space geographical.

To that range of information the one of historical and partner-cultural character and added, starting from the one the it can observe the presence of the psychological motivations of the actantes.

Palavras-chaves: amazonia; legendes; myths; narratives.

Ao contrário das demais ciências, a história é considerada como a das coisas que não se repetem, diferente da física ou da biologia, por exemplo. Tampouco a história comporta previsões precisas, ela apenas sugere que o ser humano se previna contra o inevitável. As lições apreendidas na cronologia e no fato apresentam-se como a constatação de indiscutíveis convenções. Esses são alguns dos pressupostos que podem ser observados no texto de Paul Valéry, publicado em 1932.

Não queremos aqui por em foco, história apenas como ciência, sobretudo não nos interessa abordá-la do ponto de vista de um certo espírito intelectual do pós-1968, incompatível com as certezas históricas elaboradas a partir de grandes modelos explicativos. Poderia nos interessar pensar a história, ainda que “en pensant”, considerando as recentes “revoluções”¹ da história, o deslocamento dos seus princípios constitutivos e a redefinição dos campos disciplinares de diálogo - sobretudo em relação à antropologia, à literatura e à literatura. Mas ainda não é sob essa perspectiva que a história aparecerá nessa breve discussão. Aqui nos interessa fazer menção a história na medida em que ela está comprometida com a memória. E o que parece óbvio, é que ela sempre esteja comprometida com lembranças, com passado, com memória, com recordação. O comprometimento da his-

tória com a memória, a que nos referimos, diz respeito a certo tecido expressivo que reúne no mesmo discurso, à propósito do ato de contar, rasgos da memória permeados de dados históricos incontestáveis e, quando menos, evocado com o aval do estatuto vereditório.

Ao referir a recuperação do estilo da história, lembramos o desejo de contar história e chegamos ao debate contemporâneo sobre o ressurgimento da narrativa.

As reflexões sobre narrativa nos remetem de imediato à idéia de que na antiguidade, o homem convivera com uma “verdade revelada”, assegurada pelos deuses e oráculos, nos tempos modernos convivemos com a “verdade real”, entendida como verdade possível, como reconhecimento da verossimilhança.

Lembramos, então, a essa altura Walter Benjamin, filósofo alemão, um dos mais caros entre os historiadores, isso se afirma porque é provavelmente o mais referido por eles. No texto *Teses sobre a filosofia da história*, o autor elabora uma reflexão acerca do discurso da história privilegiando um conceito de tempo, denominado por ele como “tempo do agora”, que aponta para uma experiência com o passado.

Na Tese III, Benjamin afirma que “certamente só uma humanidade redimida há de assumir todo seu passado” o que é muito sintomático como revelação das influências da tradição messiânica e da mística judaica no autor.

Das considerações feitas pelo autor, convém lembrar, para a abordagem que pretendemos, a sua exposição e certo lamento sobre o fracasso da experiência coletiva e, em consequência, o fim da arte de contar. O autor chama a atenção para o fato de que a “guerra de trincheiras”, notória referência à danosa Primeira Guerra, produziu a pobreza das experiências comunicáveis que teria redundado no estabelecimento de uma espécie de abismo entre as gerações e conseqüente fim da dimensão prática da narrativa.

Em “O narrador”, assistimos ao elogio dos que sabem narrar, chamando atenção para o movimento incalculável da memória, da recuperação do infinito em nossas existências individuais. O acontecimento lembrado corresponde ao acontecimento sem limites,

¹ Revoluções: deve ser entendido como destaque às inflexões recentes do pensamento histórico menos preso aos paradigmas da ciência e mais voltado às possibilidades da crônica histórica.

pois soma-se infinitamente a outros. Nesse ponto, não há como não lembrar Scherazade que, em mil e uma noites, conta "mil e uma" histórias ao seu marido, devolvendo-lhe a confiança na fidelidade feminina e pondo fim ao trágico hábito de executar suas esposas após a consumação do casamento, forma cruel de evitar a traição matrimonial. A experiência de Scherazade reflete, sobretudo, a própria tradição popular de contar, uma vez que as histórias contadas por ela eram assinaladas por certo encadeamento temático, de tal maneira que o final da primeira antecipava a segunda e estabelecia a sucessividade comum aos contos populares, encadeados pela memória do narrador.

Francisco Moraes Paes², no texto "Sobre a história narrativa" diz que à medida que a narrativa é destituída de explicação psicológica, suscita reflexão e possibilita a incorporação de todas as experiências."

A experiência vivida no projeto de Pesquisa "O imaginário nas formas narrativas orais populares da Amazônia paraense" afina-se, de uma forma ou de outra, com os pensamentos aqui expressos de Paul Valéry, Walter Benjamin e Moraes Paes.

Interessa-nos estabelecer alguns pontos de apoio para a aproximação entre as narrativas do Projeto e as rápidas considerações teóricas aqui colocadas e, sobretudo, interessa-nos as posições referidas de Benjamin e Moraes Paes.

As lendas e os mitos que compõem o acervo³ do projeto dão conta do imaginário do homem da região, assinalado com visíveis marcas das circunstâncias que medeiam esse imenso espaço geográfico. A essa gama de informações somam-se as de caráter histórico e sócio-cultural, a partir do qual se pode observar a presença das motivações psicológicas dos actantes.

Em atendimento às colocações de W. Benjamin, que ressalta a importância de contar, consideramos que o projeto em discussão é sobretudo uma amostra de que contar é uma atividade viva e produtiva, por enquanto. Até que ponto estamos seguros de que não assistiremos, ao que temia Benjamin, o abismo entre as gerações e o fim da dimensão prática da narrativa.

A amostra de que dispomos, até o momento, no Projeto parece bem confortável: mais de cinco mil depoimentos. Contudo, esse número seria a garantia de que a prática de contar está preservada na Amazônia paraense? De certo que não. Enquanto pesquisadores responsáveis por essa recolha temos um compromisso com a preservação dessa prática essa responsabilidade nos tem atingido e nos impulsionado à formulação de projetos voltados para a área de educação, numa tentativa de não apenas divulgar as histórias contadas por nossos contadores, mas com o intuito de despertar o gosto pela matéria regional e formar novos contadores e, dessa maneira, preservar a prática de contar.

A par da preocupação com a preservação da memória regional através divulgação das histórias e

interesse em formar novos contadores, convém ainda nesse momento lembrar que a matéria de que se constrói o acervo IFNOPAP é sobretudo rica e a sua riqueza se justifica pela quantidade de informações que se imagina conter um legado de mais de cinco mil narrativas. Some-se a isso a diversidade de formas narrativas e temas encontrados nos textos.

Dentre os temas presentes nas narrativas, que permeiam a gama de informações que se ajusta ao conceito de imaginário, há os que apontam para o fato e a cronologia, ou seja, aqueles que assinalam os dados da história da região ou de outros locais de onde advém os contadores. A história de vida mistura-se com as lendas e os mitos e se entrecruza com fatos históricos, sem que se possa estabelecer limites precisos entre matéria tão diversa e ao mesmo tempo tão coesa, porque vivida, sentida e vista sob uma única ótica, a do contador. Como uma amálgama, as narrativas se mostram e, nesse intrincado tecido, o pesquisador encontra o verdadeiro manancial de informações a ser destrinchado.

O Estado do Pará tem conseguido preservar, sob várias formas e com relativa nitidez, o legado do povo português, assim como o de outras presenças na região e o tem, mais efetivamente, no que diz respeito ao léxico, a tantas outras notações linguísticas, ritmos, patronímicos, certos hábitos e relatos pródigos de informações.

Para afirmação do que aqui está posto, gostaríamos de apresentar três narrativas que trazem o exemplo da presença do colonizador ibérico; e uma história que privilegia a referência ao fato e à cronologia.

O trabalho pretendeu demonstrar o quanto de memória distante e até de alguma mais próxima se faz presente nas histórias contadas pelo caboclo amazônico.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. *Introduction à l'analyse structurale des récits*. Communications 8.
- BENJAMIN, Walter. *Mágica e técnica: arte e política*. S.Paulo, Brasiliense, 1985.
- BERND, Zilá & MIGOZZI, Jacques. *Fronteiras do Literário*. Porto Alegre: EdU, 1995.
- BOSI, Alfredo, org. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- CASCUDO, Luís de C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*.
- _____. *História da literatura brasileira (oral)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- CAMÕES, Luís de. *Obras completas*. Lisboa: Lello, 1970.

² Professor de História da Universidade Federal do Paraná

³ Já foi ultrapassado o número de 4.500 narrativas recolhidas nas oito microrregiões do Estado do Para.

- COCTEAU, Jean. "Versos de circunstância". In: MARGALHÃES Jr., R. *Poesia da França*. S.Paulo: Tecnoprint [s.d.].
- FALCÃO, Cristóvão. *Crisfal*. In: ANTOLOGIA de Literatura Portuguesa.. Porto: Lello, 1977.
- GENETTE, Gérard. *O discurso da narrativa*. Lisboa, Vega, 1985.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mythologiques, IV. L'homme nu*. Paris: Plon, 1971.
- PROPP, Vladimir. *Édipo à luz do folclore*. Lisboa: Veja [s. d.].
- _____. *Las raíces históricas del cuento*. Madrid: Fundamentos, 1981.
- NOVO Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fonteira, 1986.
- SEVCENKO, Nicolau. "No princípio era o ritmo: as raízes xamânicas da narrativa". In: RIEDEL, Dirce C. *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- SIMÕES, Ma. do Socorro & GOLDER, Christophe. *Belém conta...* Belém: CEJUP, 1995.
- SCOHLES, Robert & KELLOGG, Robert. *A natureza da narrativa*. Rio de Janeiro: MCGrallHill, 1977.
- SOARES, Luís Eduardo et alii. *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- VICENTE, Gil. *Obras completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1965.
- WELLEK, R. & WARREN, A. *Teoria da literatura*. Lisboa: Europa-América, 1962.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. S. Paulo: Cia das Letras, 1993.